

Lutas e diversidades gerais das Minas Gerais: a importância dos povos tradicionais nas re/existências de MG

Célia Xakriabá (deputada federal, PSOL/MG)¹

Ao debatermos sobre o direito territorial é preciso termos em mente que este é intrínseco ao direito à vida, previsto em nossa Constituição². Muitos são os que chegam até mim, como mulher indígena, pertencente ao povo Xakriabá, e me questionam onde fica geograficamente o território do meu povo. Outros, ainda, chegam a dizer com demasiada propriedade que o território Xakriabá se localiza às margens do Rio São Francisco, mesmo que, felizmente, pontue que apenas um terço do território ancestral do meu povo está hoje demarcado.

É preciso pensar para além dos múltiplos territórios legalmente reconhecidos atualmente no Brasil, mas também analisar a contribuição dos nossos povos em todo esse processo. Hoje, se me perguntam qual o preço da demarcação de terras, não irei falar sobre a indenização que aqueles que nos violentaram e roubaram buscam efetivar no âmbito do Poder Legislativo, mas lembrarei do preço de sangue e dos corpos de nossas lideranças que tombaram nesse processo, pois todo território

1. É deputada federal no primeiro mandato (2023-2027). Possui graduação em Formação Intercultural para Educadores Indígenas pela Universidade Federal de Minas Gerais (2013). Foi coordenadora na educação escolar indígena - Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais. Tem experiência na área de Educação Indígena, com ênfase em Educação nas políticas públicas que versam a educação diferenciada. Mestre do curso Profissional do Programa de Pós-Graduação Profissional em Desenvolvimento Sustentável, Área de Concentração em Sustentabilidade Junto a Povos e Terras Tradicionais /MESPT na Universidade Federal de Brasília/UNB. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAN/UFMG.

2. Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes.

indígena no Brasil que eu conheço só foi demarcado depois da morte de alguma de nossas lideranças. Quando falam no território do meu povo e tentam impor a ele limites geográficos, lembro da grande chacina que sofremos em 1987⁵ e que só depois de pago esse preço de sangue é que tivemos parte de nosso território demarcado.

Permanecemos vivos num país que nos trata como devedores, quando na verdade o saldo de sangue continua jorrando nesse solo. Para que parte do território originário do meu povo fosse demarcado é que somos o registro mais antigo de genocídio indígena no Brasil. Porém, mesmo com esse comprovante, mesmo tendo pago nosso território com valor que o dinheiro não compra, seguimos vendo o nosso estado de Minas Gerais sob a forte e gananciosa pressão do latifúndio e do que considero como “monoculturação”. Toda monocultura mata, mata a terra, mata o pensamento, e é por isso que eles tentam matar nossa diversidade, porque se não matarem ela se espalha, contagia, traz vida e futuro. É nas monoculturas de plantações e vidas que eles se ancoram para continuar um projeto de extermínio dos povos indígenas, que resistem a todas as atrocidades desde 1500.

Em Minas Gerais conheci a riqueza que a “monoculturação”⁴ tenta sufocar, mas que resiste na força da diversidade. Foi no meu território, no norte de Minas, que iniciei nas lutas coletivas junto a povos e comunidades tradicionais, de mãos dadas com quilombolas, vazanteiros, geraizeiros, apanhadores de flores, vacarianos, catingueiros etc. É nessa relação com o território e com as pessoas que considero estar a importância do viver. Foi na nossa presença e luta que em quatro anos de ausência de um governo pró-vida e de um Ministério do Meio Ambiente, nós, povos indígenas e comunidades tradicionais, fomos os principais ministros e ministras pelo meio ambiente e pelo clima. O estado de Minas Gerais não vive da mineração, como quer mostrar a SAM⁵ no Vale das Cancelas⁶, nem tampouco pode ser representado pela tentativa do grande desmatamento da Anglo em Bonito de Minas. Minas Gerais é o norte de seu território, onde se localizam 200 comunidades quilombolas e que hoje, segundo o percentual, representa 68% das comunidades que estão em situação de vulnerabilidade social. Mas mais do que vulnerabilidade social, Minas está sob vulnerabilidade territorial e em constante

3. CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. *24 anos do massacre Xakriabá*. CIMI, 2011. Disponível em <https://cimi.org.br/2011/02/31594/#:~:text= Foi%20na%20madrugada%20do%20dia,tr%C3%AAs%20pessoas%3B%20Rosalino%2C%20Jos%C3%A9%20Pereira>. Acesso em: 28 ago. 2023.

4. Termo próprio que significa ato ou efeito de singularizar, tentar unificar, transformar o que é diverso em algo único.

5. Empresa de capital chinês, Sul Americana de Metais.

6. LOPES, Raíssa. *Segundo maior mineroduto do mundo pode ser construído no Norte de Minas*. Brasil de Fato, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefatog.com.br/2019/09/06/segundo-maior-mineroduto-do-mundo-pode-ser-construido-no-norte-de-minas>. Acesso em: 28 ago. 2023.

ameaça de rompimento de barragens, tudo em nome de uma riqueza capital que não considera nossa riqueza ambiental.

Hoje, no Congresso Nacional, existem mais de 250 projetos de lei que buscam o retrocesso de questões ambientais e territoriais. Tenho a responsabilidade de levar a voz do povo Krenak, que caminha comigo em espiritualidade, lembrando o que significou o rompimento da barragem de Mariana, em 2015, ou o que representou o crime de Brumadinho, em 2019. As pessoas parecem ter se esquecido, mas mais uma vez o preço que pagamos com as perdas de vidas foi caro demais para que a memória apague. O povo Krenak tem 300 anos de enfrentamento a todos esses ataques, mas seguem vivos, para fazer a memória falar, porque quem tem memória fica na história. E, agora, estamos mais uma vez em luta, como povos de Minas Gerais, em defesa da Serra do Curral. Infelizmente esse é só mais um enfrentamento em nosso Estado.

Vejo as pessoas preocupadas com a economia, mas pouco engajadas na luta pela natureza. Alerto que o ecocídio vai custar muito mais caro para toda a humanidade. E foi por isso que em 2019 nós, povos indígenas, realizamos a jornada “Sangue Indígena: nenhuma gota a mais”⁷ e entregamos no Tribunal de Haia denúncia contra o governo Bolsonaro pelo crime de ecocídio. É necessário se atentar que a mineração não representa mais do que 4% do PIB brasileiro, já que se preocupam mais com a economia do que com a Mãe Terra. Em contrapartida, a cultura investe muito mais. Itabira é um dos municípios berço da mineração. Mas que progresso é esse que deixa um grande rastro de sangue representado nos altos índices de suicídio da população? Que progresso é esse que não só mata a Terra, mas tira também a vida das pessoas? Muitas pessoas ainda deitadas na ignorância me dizem ironicamente: “índios são primitivos, eles comem gente”. Mas eu afirmo que primitiva é a mineração e seus defensores, porque a mineração sim “come” as montanhas, mata as pessoas. É esse progresso que a população mineira quer? Um progresso falso que derruba a vida das pessoas, derruba nosso bioma do cerrado e impacta a Mata Atlântica, a Caatinga, o Pantanal, o Pampa e a Amazônia. Nossas vidas importam muito mais e contra a mineração somente a “mulheração”, porque somos nós que temos condição de pensar um projeto político de bem viver, porque somos nós que não temos a mão suja nem de lama e nem de sangue da mineração. Vocês nos rotulam como atrasados, mas para mim atraso é ter um país e um Congresso que levou 500 anos para eleger indígenas, 523 anos

7. ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. *Sangue indígena: nenhuma gota a mais*. APIB, 2019. Disponível em: <https://apiboficial.org/2019/01/10/sangue-indigena-nenhuma-gota-a-mais/>. Acesso em: 28 ago. 2023.

para ter uma mulher indígena presidindo uma comissão. Foram necessários 523 anos para estabelecer um Ministério dos Povos Indígenas e colocar uma mulher indígena à frente da Funai. O verdadeiro atraso é representado por um país que busca votar em retrocessos e implementar um projeto deliberado de ecocídio.⁸

Por isso falo frequentemente em “mulherizar” a política. Não me refiro somente à busca por assentos no Parlamento e à conquista de cargos eletivos. É fundamental refletir sobre nossa permanência e sobre nossa atuação dentro desses espaços. Não podemos ignorar a gravidade dessas situações sofridas por nós, como intimidação, zombaria e tentativas de restringir nossa participação. Estamos tratando aqui de violência, violações e tratamentos distintos entre homens e mulheres na política do nosso país. E por que chamo atenção para a questão de gênero na política?⁹

Primeiro pelas inúmeras situações que eu e minhas companheiras de Parlamento precisamos passar todos os dias. Quando um deputado sobe à tribuna para denunciar crimes, é visto como alguém combativo. Entretanto, ao nos expressarmos, somos rotuladas como “irracionais” e até pedem punições. Se optamos pela articulação e evitamos confrontos acalorados, somos consideradas “fracas”, mas se fosse um homem, ele seria enaltecido por suas habilidades políticas. Poderia citar inúmeros exemplos, mas o fato é que, neste momento, estamos lidando com deputados que consideram normal me ofenderem chamando-me de “cosplay de indígena” ou “índia fake”, mas consideram absurda a denúncia que fazemos contra a promoção de um etnocídio deliberado por parte do Congresso Nacional.¹⁰

Segundo, e mais grave, é o processo no Conselho de Ética que eu e mais cinco deputadas (sim, todas mulheres)¹¹ enfrentamos a respeito de nossas falas na votação do Projeto de Lei 490/07. Após duas semanas de intensa luta contra o PL 490, que trouxe diversos retrocessos aos direitos dos povos indígenas e que tentou antecipar a aplicação da tese do Marco Temporal no Legislativo, foram as mulheres que lideraram a resistência. E somos justamente nós, mulheres eleitas, que agora nos tornamos alvo de tentativas de intimidação e retaliação.¹²

8. XAKRIABÁ, Célia. *Estamos presenciando um genocídio legislado: ataque aos povos indígenas é pauta de repercussão geral*. O Tempo, 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniaio/celia-xakriaba/estamos-presenciando-um-genocidio-legislado-1.2875310>. Acesso em: 28 ago. 2023.

9. Id.

10. XAKRIABÁ, Célia. *Mulherizando o Congresso Nacional: Violência política de gênero*. O Tempo, 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniaio/celia-xakriaba/mulherizando-o-congresso-nacional-1.2905565>. Acesso em: 28 ago. 2023.

11. São elas: Erika Kokay (PT/SP), Fernanda Melchionna (PSOL/RS), Juliana Cardoso (PT/SP), Samia Bomfim (PSOL/SP) e Talíria Petrone (PSOL/RJ).

12. Id Ibd.

Logo após a aprovação da urgência do PL 490/07, o Partido Liberal (PL) entrou com um pedido coletivo de cassação do meu mandato e de outras cinco parlamentares. As acusações estão relacionadas ao nosso posicionamento diante de uma matéria que pode representar, de fato, a continuidade de um projeto que ameaça nossos territórios e nosso modo de vida, um verdadeiro ecocídio programado. Para nós, povos indígenas, é impossível dissociar o nosso corpo da nossa terra. Portanto, como podemos aceitar um projeto que nos priva do direito ao território sem ferir profundamente nossas vidas? Como podemos nos calar diante disso?¹³

Por esses motivos também é importante falar do “indigenizar” a política. Entendemos a importância de ocupar espaços prioritariamente brancos e brigamos, principalmente nas eleições de 2022, para sermos nós as vozes e as ações em importantes cargos nos Poderes Legislativo e Executivo, tendo condições efetivas de enfrentar o agronegócio predatório. Isso nos motivou a estruturar a “Bancada do Cocar”, pois com nossa pauta socioambiental, pretendemos reflorestar a política com nossa presença e nossas ideias e, a partir disso, vencer o “racismo da ausência”.¹⁴

O problema da humanidade é a destemperança. A cada dia o planeta está mais aquecido, mas ao mesmo tempo as pessoas estão com o coração mais gelado. A demarcação dos territórios indígenas é a solução número 1 para barrar as crises climáticas e o aquecimento global. Nosso projeto é pela vida e por garantir principalmente a existência das pessoas. A luta é a efetivação da Lei. Precisamos acordar enquanto há tempo. Temos que pensar numa transição econômica que coloque a vida acima do lucro. Minas Gerais precisa retornar e valorizar suas Águas Gerais, lutar pelas Montanhas Gerais, pelos Povos Gerais, priorizar as Diversidades Gerais. Nossos povos tradicionais têm relação histórica com os rios, com a terra e por isso precisam ser preservados. As questões ambientais não podem ser analisadas apenas por uma perspectiva econômica utilitarista, mas precisamos reconhecê-las como parte integrante e necessária para a proteção da vida. E nós somos parte dessa proteção. Nós, povos indígenas, que não representamos nem 1% da população brasileira, que não somamos mais que 5% da população mundial, mas que protegemos cerca de 80% da biodiversidade global. O que esses dados representam para você ao ler isso?

Mas existe uma lacuna. Se temos sido mortos aos milhares como acontece no Brasil, há uma responsabilidade daqueles que não assumem a mesma missão

13. Id Ibd.

14. MARTINS, Victória. *Célia Xakriabá: é hora de 'mulherizar' e 'indigenizar' a política! #ElasQueLutam! Nova deputada federal por Minas Gerais, ela chega para superar o racismo da ausência e lutar por demarcações, educação e acesso à cultura*. ISA, 2022. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/celia-xakriaba-e-hora-de-mulherizar-e-indigenizar-politica-o>. Acesso em: 28 ago. 2023.

que nós assumimos todos os dias. Proteger o meio ambiente e defender a pauta indígena e ambiental não é missão só dos povos indígenas e populações tradicionais. Existe um chamado urgente, um clamor pela Mãe Terra, e aqueles e aquelas que não dão ouvidos a esse chamado da Terra não escutarão mais nada e nem ninguém. Se a Amazônia é o pulmão do mundo, Minas Gerais é o útero: útero das águas, berço da diversidade, da cura por meio da diversidade de plantas medicinais. Precisamos valorizar todos os biomas do Brasil e desmistificar todos os conceitos que existam sobre eles, na agenda nacional e internacional. A Amazônia por si só não vai salvar a humanidade, temos que democratizar o uso da terra e pensar para além da autonomia e soberania alimentar, foquemos na “saborania” alimentar, que trata de um paladar que também sustenta nossas identidades. Nosso país não é do agronegócio, porque é a agricultura familiar que abastece mais de 70% da alimentação que vai para o prato dos brasileiros.

O Brasil é terra indígena. Minas Gerais é terra indígena. Somos território de povos e comunidades tradicionais e a retomada da relação com esse território e com seus povos é urgente. A terra é nosso parente, não podemos enxergá-la à distância, não devemos fechar os olhos e não enxergar o quanto precisamos dela. Não iremos adiar o fim do mundo, porque quem irá acabar somos nós, o planeta continuará. Essa luta é para garantirmos a nossa permanência no planeta, mas essa permanência perpassa pela transformação da consciência das pessoas. O verdadeiro desmatamento começa em nossa consciência, em nosso interior. Mas, o reflorestamento também pode começar dentro de nós, reconhecendo a nossa potência indígena, a importância de povos e comunidades tradicionais e também do ambientalismo.

Não existe outra alternativa e nem outro caminho. Nós somos a linha de frente. Não existe floresta de pé com sangue indígena no chão. Por isso, nossa voz precisa ser escutada, precisamos parar o genocídio indígena. Somente em 2020 foram 185 lideranças assassinadas. Mataram cruel e covardemente a Dom e Bruno por serem defensores do meio ambiente, e seguem nos matando por sermos o próprio meio ambiente, por sermos a terra. Não há somente um fator político em todo esse ódio, existe um fator histórico e não podemos ser convenientes com essa barbárie.

Nossas lideranças e nossos aliados vêm sendo assassinados pelo poder da caneta. Se afirmamos que em 1500 nossas terras foram invadidas, agora estamos enfatizando que o que está sendo planejado em Brasília é uma forma moderna de extermínio. Eles são equivalentes aos Pedros Álvares Cabral do século XXI. Vestidos de terno e clamando por civilidade, atuam como algozes promovendo algo que realmente não é civilizado: a destruição da vida na Terra. É incompreensível

esse sentido de civilidade que nos desumaniza e deseja nossa morte. O assassino não é apenas aquele que atira com uma arma. Eles aprimoraram suas táticas, mas a intenção de matar permanece a mesma desde 1500.¹⁵

Daí porque falamos em “genocídio legislado”. O Projeto de Lei 490/07, agora PL 2903/23 no Senado Federal, busca estabelecer a tese do Marco Temporal como lei e, adicionalmente, implementar uma série de medidas que retiram direitos, violentam e exterminam nossa cultura. É uma iniciativa que visa dar continuidade ao projeto planejado de ecocídio que testemunhamos nos últimos quatro anos. Essa proposta abre a possibilidade de aprovar uma lei que legalize os garimpos ilegais em terras indígenas e cria brechas legais para comprometer a política de “não contato” com indígenas isolados. A justificativa apresentada é que o contato pode ser feito em nome do “interesse público”. No entanto, questiono: qual seria esse interesse público em relação aos nossos povos isolados?¹⁶

Quando se matam lideranças Guarani-Kaiowá, como acontece recorrentemente no Mato Grosso do Sul, quando matam crianças e assassinam o território Yanomami com mercúrio do garimpo, quando permanecemos em silêncio frente a tudo isso assumimos uma agenda fascista e antiambiental. Só sabe ser humano quem sabe também ser bicho. Só sabe ser humano quem também é terra, é água. A terra é mãe e o rio é mulher que em seu seio alimenta coletivamente a humanidade. E nós, povos indígenas, estamos preparados e temos defendido a Terra, para assim defender a humanidade também. Assumimos essa missão por entendermos que não existirá lugar onde firmar a racionalidade e a intelectualidade se não existir lugar para firmar os pés. E não haverá lugar para firmar os pés se agora nós não sustentarmos o céu.

Sobre tudo que falei aqui, acredito que em forma de poesia consiga atingir mais mentes e corações, reflorestando a esperança nas pessoas:

Somos a voz da resistência sementeada por guerreiras como Bartolina Sisa.

Ainda tem muita luta

Contra a colonização

É conservadorismo,

Além de questionar a nossa identidade, somos vítimas do Racismo.

Não se pode curar um mal

15. XAKRIABÁ, Célia. Estamos presenciando um genocídio legislado: ataque aos povos indígenas é pauta de repercussão geral. *O Tempo*, 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniao/celia-xakriaba/estamos-presenciando-um-genocidio-legislado-1.2875310>. Acesso em: 28 ago. 2023.

16. Id.

com a mesma enfermidade,
Precisamos de outro remédio
que vem da espiritualidade.

Somos mulheres diversas e coloridas
Somos terra e somos as cores,
Lutamos e dizemos não à violência
Para manter os nossos valores.

Os valores que eu falo
É da força ancestral
Fazemos e ocupamos vários espaços respeitando a organização social.
Mulheres estudantes
E também da militância
Já dizia os nossos líderes
Diga às mulheres que avança.

Mulheres indígenas, na ciência, mulheres Indígenas dos conhecimentos
tradicionais,
As que inspira a nossa luta
E as que são as forças ancestrais.

Tem mulheres parteiras benzedeiras, têm indígenas politizadas de outras
ciências
Nós fazemos o enfrentamento ainda que não sejamos belas e recatadas.

Não somos recatadas
Muitas vezes não somos e nem estamos no lar,
Nós temos um pé no chão da aldeia
E o outro do lado de lá.

Para seguir firmes na missão Lutamos juntas, com as jovens, mulheres e
lideranças,
O que herdamos nesta vida
É a luta como herança.

Luta que não começou agora
e também não terminará com nós
Vamos protagonizando nossa história
Desatando todos os nós.

Não estamos aqui por causa
Estamos pela causa
Ainda que para isso fiquemos ausentes da nossa casa.

Pois consideramos a nossa casa
Não é só onde passamos a morar,
É onde temos o pertencimento
Tão sagrado é o lugar.

Nós fazemos a diferença na luta nós somos fermento,
Nós sofremos o primeiro golpe desde no ano de 1500.

A violência deixa marcas, e cicatrizes mental,
Que tenta abortar as nossas mulheres dos espaços pelo racismo estrutural.

A violência deixa traumas
E resulta em exclusão
Nos aborta dos espaços políticos
Sofrendo golpe de democratização
Resistiremos até a última indígena
pois nós mulheres somos sementes,
Convidamos a todes para a cura que também se encontra doente.

Já foi cura para muita gente na ciência que opera, as nossas anciãs que se
foram morreram, o corpo ficou espírito, se sementeia na ciência da Terra.

Precisamos de cura não somente para o corpo, precisamos reativar o
princípio de humanidade,
É cura do corpo, cura da mente, o espírito também precisa de imunidade.

“Quem somos? Somos mulheres
Somos as que retomamos a terra roubada, as que insistem nos rituais,
Sem se esquecer que permanecemos em guerra”.

Somos mulheres coloridas
Somos um arco íris de cores,
Lutamos e dizemos não a **violência**
Para manter os nossos valores.

Os valores que eu falo
É a força tradicional e ancestral
Fazemos os nossos debates
Respeitando a organização social.

Mulheres estudantes
E também da militância
Já dizia as nossas líderes
Diga ao povo que avança.

Mulheres indígenas,
Mulheres tradicionais,
As que inspira a nossa luta
São as forças ancestrais.

Somos mulheres do cerrado, Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica, Pampa
e Pantanal.

Tem mulheres parteiras benzedadeiras, têm indígenas politizadas
Fazemos o enfrentamento ainda que não sejamos belas e recatadas.

Não somos recatadas
Muitas vezes não somos e nem estamos no lar
Nós temos um pé no chão da aldeia e o outro do lado de lá.

Mais de 500 anos se passaram
Continuamos a resistir,
Mesmo tentando pintar Brasil de cinza
Resistimos para a colorir.

Pois não se consegue desbotar
Pele e almas coloridas,
Assim como não consegue apagar
Nossas histórias já vivida.

Não existe Brasil sem respeitar as mulheres originárias,
Não existe amor à pátria sem respeitar as mulheres **MATRIA**.
Ainda dá tempo de curar o Território corpo, Território espiritual,
Ainda dá tempo, o nosso marco é ancestral.

Salvar a velha é salvar a nova
Salvar a cantar e da esperança
Não é somente sobre salvar o canto, mas é também salvar quem canta.
Nosso canto é ancestral, nunca cantamos a sós.
A violência que matou as nossas ancestrais não vai matar a nossa voz.
São várias as armas, as tentativas de nos exterminar
São os projetos de leis anti-indígena, anti_vida, anti_terra no congresso
a necropolítica quer nos escutar.

E a tese do marco temporal, colonial e do capital sendo cumprida, as
nossas vozes precisam ecoar.

Mudam os das armas os números dos projetos de lei, mas não mudou
desde e a invasão do Brasil a intenção o objetivo de nos matar.

Quer falar de marco temporal, que tal começar pelo marco das invasões.
A 521 anos atrás quando éramos 5 milhões.
São outros PLS projetos de ódio que atravessa como BRs que divide a
sociedade, provocando chagas da violência.

Não se pode curar o mal se insistimos na mesma doença.

Queremos ser e estar em pé no futuro Ancestral, assim como os nossos
biomas, Cerrado, Amazônia, Pampa, Caatinga, Pantanal e Mata Atlântica.

Queremos cuidar do canto mas também do corpo território de quem canta.

É na força da pintura presente no pigmento

Urucum tempera a comida

e nós mulheres indígenas temperamos

o movimento.¹⁷

Ainda dá tempo de repensarmos como temos tratado a terra e eu faço esse
chamado. A Terra e a terra somos nós. Lutamos pelo território porque quem tem
território tem lugar para onde voltar. Quem tem lugar para onde voltar tem mãe,
tem colo e tem cura.

17. ΧΑΚΡΙΑΒÁ, Célia. Somos a Voz da resistência Sementeada Por Guerreiras Como Bartolina Sisa. ANMIGA. Disponível em: <https://anmiga.org/somos-a-voz-da-resistencia-sementeada-por-guerreiras-como-bartolina-sisa/>. Acesso em: 28 agosto de 2023.

Referências

- ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL. Sangue indígena: nenhuma gota a mais. *APIB*, 2019. Disponível em: <https://apiboficial.org/2019/01/10/sangue-indigena-nenhuma-gota-a-mais/>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 28 ago. 2023.
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. 24 anos do massacre Xakriabá. *CIMI*, 2011. Disponível em: <https://cimi.org.br/2011/02/31594/#:~:text=Foi%20na%20madrugada%20do%20dia,tr%C3%AAs%20pessoas%3B%20Rosalino%2C%20Jos%C3%A9%20Pereira.> Acesso em: 28 ago. 2023.
- LOPES, R. Segundo maior mineroduto do mundo pode ser construído no Norte de Minas. *Brasil de Fato*, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2019/09/06/segundo-maior-mineroduto-do-mundo-pode-ser-construido-no-norte-de-minas>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- MARTINS, V. Célia Xakriabá: é hora de ‘mulherizar’ e ‘indigenizar’ a política! #ElasQueLutam! Nova deputada federal por Minas Gerais, ela chega para superar o racismo da ausência e lutar por demarcações, educação e acesso à cultura. *ISA*, 2022. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/celia-xakriaba-e-hora-de-mulherizar-e-indigenizar-politica-o>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- XAKRIABÁ, C. Estamos presenciando um genocídio legislado: ataque aos povos indígenas é pauta de repercussão geral. *O Tempo*, 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniao/celia-xakriaba/estamos-presenciando-um-genocidio-legislado-1.2875310>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- XAKRIABÁ, C. Mulherizando o Congresso Nacional: violência política de gênero. *O Tempo*, 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniao/celia-xakriaba/mulherizando-o-congresso-nacional-1.2905565>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- XAKRIABÁ, C. Somos a Voz da resistência Sementeada Por Guerreiras Como Bartolina Sisa. *ANMIGA*. Disponível em: <https://anmiga.org/somos-a-voz-da-resistencia-sementeada-por-guerreiras-como-bartolina-sisa/>. Acesso em: 28 ago. 2023.